



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TIFFANY SOUZA DE OLIVEIRA

**OS EFEITOS DA PÓS PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES DO  
ENSINO MÉDIO:** Um estudo realizado com docentes no município de Acará.

Abaetetuba-PA  
2024

TIFFANY SOUZA DE OLIVEIRA

**OS EFEITOS DA PÓS PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES DO  
ENSINO MÉDIO:** Um estudo realizado com docentes no município de Acará.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariza Felipe Assunção

Abaetetuba-PA  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

- O48e Oliveira, Tiffany Souza de.  
OS EFEITOS DA PÓS PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL  
DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO : Um estudo realizado  
com docentes no município de Acará / Tiffany Souza de Oliveira. —  
2024.  
22 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Mariza Felipe Assunção  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do  
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia,  
Abaetetuba, 2024.
1. Ensino Remoto. 2. Pandemia. 3. Saúde Mental. 4.  
Trabalho docente. I. Título.

---

CDD 370

TIFFANY SOUZA DE OLIVEIRA

**OS EFEITOS DA PÓS PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES DO  
ENSINO MÉDIO:** Um estudo realizado com docentes no município de Acará.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariza Felipe Assunção

Data da aprovação: 19 de junho de 2024

Conceito: Excelente

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Mariza Felipe Assunção – Orientadora-  
(FAECS/UFPA)

---

Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira Lima –  
Membro Avaliador- (FAECS/UFPA)

## **OS EFEITOS DA PÓS PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO: Um estudo realizado com docentes no município de Acará.**

Tiffany Souza de Oliveira  
Graduanda do curso de Pedagogia  
Universidade Federal do Pará (UFPA)  
Abaetetuba-PA, Brasil  
[tiffanyoliveira94@gmail.com](mailto:tiffanyoliveira94@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade tecer discussões e reflexões acerca da saúde mental de docentes do ensino médio na pós pandemia. O objetivo é analisar os depoimentos de professores que atuam em uma Escola Estadual de Ensino Médio localizada no município de Acará-PA, para constatar os impactos da pandemia em sua vida profissional e saúde mental. A abordagem adotada é a pesquisa qualitativa, e o tipo de pesquisa é o estudo de caso, visando o aprofundamento do fenômeno estudado. A pesquisa bibliográfica e os relatos dos professores de ensino médio revelaram que existem sequelas em suas vidas causadas pela pandemia, tanto no seu trabalho docente quanto em sua saúde mental, afetadas pela rápida imersão que fizeram no ensino remoto emergencial. A falta de apoio e recursos para desenvolver seu trabalho durante a pandemia, o aumento das demandas de trabalho e as dificuldades em amenizar os danos que a pandemia causou em seus alunos, corroboraram para o aumento de seus níveis de estresse, cansaço e desgaste mental.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto; Pandemia; Saúde mental; Trabalho docente.

**Abstract:** The purpose of this article is to discuss and reflect on the mental health of high school teachers in the aftermath of the pandemic. The objective is to analyze the testimonies of teachers who work in a State High School located in the municipality of Acará-PA, to verify the impacts of the pandemic on their professional life and mental health. The approach adopted is qualitative research, and the type of research is case study, aiming to delve deeper into the phenomenon studied. The bibliographical research and the high school teachers' reports revealed that there are sequels in their lives caused by the pandemic, both in their teaching work and in their mental health, affected by the rapid immersion they made in emergency remote teaching. The lack of support and resources to develop their work during the pandemic, the increase in work demands and the difficulties in mitigating the damage that the pandemic has caused to their students, have corroborated the increase in their levels of stress, tiredness and mental exhaustion.

**Keywords:** Remote teaching; Pandemic; Mental health; Teaching work.

## 1. INTRODUÇÃO

O setor educacional foi um dos mais atingidos pela pandemia da Covid-19. A paralisação do ensino presencial obrigou os professores de modo geral e especificamente do ensino médio a aderirem e se adequarem ao ensino remoto emergencial, obrigando-os a elaborarem cadernos de atividades para os alunos sem recursos tecnológicos para assistirem as aulas online.

Essa tentativa de amenizar os danos e o atraso causado pela pandemia acabou gerando um acúmulo de trabalho e sobrecarga dos profissionais da educação, pois, carregavam a responsabilidade de atender aos dois públicos: os alunos que tinham condições de acompanhar as aulas remotas e os que precisavam dos cadernos de atividades para obter os conceitos necessários e evitar a repetência escolar.

O tema escolhido para esta pesquisa surgiu de um interesse pessoal e reflexões acerca dos impactos da pandemia na saúde mental e vida profissional percebidos em professores dos diversos segmentos de ensino. Sendo eu filha de professores e acompanhando de perto todo o esforço aplicado à tarefa de ensinar, apesar das condições desfavoráveis, me surgiu o pensamento de que pouco se fala sobre saúde mental dos responsáveis pela aprendizagem.

Esta pesquisa tem o intuito de dar espaço de fala para que professores relatem suas experiências profissionais no período pandêmico, e como conciliavam as jornadas de trabalho com cuidado com a saúde mental, e como encontravam tempo para cuidarem da saúde mental. Em conversas informais, sempre me chamou a atenção como os professores se queixavam da falta de apoio e recursos no desenvolvimento de seu trabalho, o que se agravou durante a pandemia, porém, passado o período pandêmico, ficou evidente como os professores sofreram e ainda sofrem os efeitos do estresse e outros problemas que podem ter surgido durante a pandemia.

Embora a pandemia da Covid-19 tenha acabado, os efeitos dela ainda são sentidos por boa parte da população, porém, não é de hoje que a saúde mental de professores se encontra desestabilizada, mas foram necessários uma pandemia e um declínio na educação para que a sociedade se desse conta da importância de um profissional de educação com condições de vida e saúde mental estáveis para o desenvolvimento de um trabalho eficiente em sala de aula. No entanto, quando deveria ter ficado claro a necessidade de apoio aos professores, o que aconteceu foi uma intensificação de cobranças sobre eles, pois, os atrasos causados pela pandemia seguem sobrecarregando docentes por conta dos prejuízos sofridos pelos alunos em sua vida escolar. Por isso, se faz necessário promover reflexões acerca da importância de zelar pela saúde mental

de nossos profissionais da educação através de relatos da experiência dos próprios profissionais em seu âmbito de trabalho e como isso afeta sua vida profissional, mesmo com o passar da pandemia.

Já é comprovado cientificamente que a profissão de professor tem maiores níveis de estresse, e isso está diretamente ligado às condições de trabalho desfavoráveis, os salários baixos, e a ausência de recursos e suporte (das famílias e até mesmo de gestores escolares) para a realização da atividade docente (Souza, 2018). Porém, durante a pandemia, outros empecilhos puderam ser detectados e puseram, mais uma vez, a saúde mental de professores à prova, um desses desafios que pode ser pontuado foi a imersão no ensino remoto emergencial, que os obrigou a uma apropriação de recursos tecnológicos que antes não eram de uso tão frequente nas aulas presenciais.

Essa nova modalidade de ensino gerou um cansaço e sobrecarga nos profissionais de educação, que mesmo após o fim da pandemia os problemas não puderam ser totalmente superados, e embora esse não seja o único motivo para esse desgaste, está diretamente relacionado ao tema central desta pesquisa.

A saúde mental dos educadores deve ser um assunto de interesse da sociedade por se tratar da profissão que forma todas as demais, e a ausência física da figura professor durante a pandemia serviu para alertar sobre a necessidade desse profissional para que a educação evolua e haja a superação dos problemas causados pela paralisação do ensino presencial.

Nesta pesquisa, foi adotada a abordagem qualitativa, amparado em Chizzotti (1995, p. 79), que afirma: “O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte importante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado”. Portanto, a pesquisa qualitativa valida o ponto de vista do sujeito e sua concepção sobre o fenômeno a ser pesquisado, pois, o objeto está repleto de significados criados pelos sujeitos concretos (Chizzotti, 1995). Sendo assim, a pesquisa qualitativa não se prende a dados ou números, ela busca um aprofundamento nas concepções dos sujeitos da pesquisa, como destaca Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p.22).

O tipo de pesquisa é o Estudo de caso, dando ênfase a um caso particular, visando o aprofundamento e coleta de informações; “A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral.” (Severino, 2000, p. 105); e Pesquisa

Bibliográfica que consiste na união de conceitos, ideias e informações de autores para servir de base teórica da pesquisa e facilitar a compreensão do fenômeno estudado.

O Contexto da pesquisa é uma Escola Estadual de Ensino Médio, localizada no município de Acará, enquanto os sujeitos da pesquisa são professores que atuam na referida escola e trabalharam de forma remota durante a pandemia. Tanto a escola quanto os professores não serão identificados neste artigo, como cumprimento de um acordo realizado antes da realização das entrevistas. No total, oito professores foram entrevistados entre os dias 25 e 26 de abril de 2024. A escola foi escolhida por conta da proximidade e familiaridade com o espaço e os sujeitos da pesquisa, visto que já fui estudante da escola, sendo natural do município de Acará e ex-aluna da maioria dos sujeitos da pesquisa, o que facilitou o acesso ao espaço escolar e a comunicação com os professores entrevistados.

Os Instrumentos de produção de dados foram entrevistas semiestruturada com questões previamente determinadas para direcionar a pesquisa e fazer os levantamentos com um questionário aberto para que os entrevistados respondessem as perguntas formuladas e dessem seus depoimentos sobre como foi realizado seu trabalho docente e de que forma a pandemia os afetou e ainda afeta a saúde mental deles (Severino, 2000). O objetivo é analisar, através das entrevistas, os efeitos da pandemia na saúde mental dos docentes do ensino médio.

## **1. REFERENCIAL TEÓRICO**

O trabalho docente tem como uma das suas principais características as relações interpessoais e interações que ocorrem no dia a dia escolar, porém a chegada da pandemia da Covid-19 no ano de 2020, causou uma mudança brusca na rotina de trabalho de professores em geral, e o que seriam apenas alguns dias de uma rotina atípica se transformaram em quase dois anos de afastamento físico entre professores e alunos. A pressão para reduzir os prejuízos de tal acontecimento fez com que a comunidade escolar buscasse soluções para que as aulas seguissem até o momento do retorno ao ensino presencial. Então, iniciou-se as atividades e aulas remotas, o que na teoria seria algo mais “fácil” por ser o trabalho realizado em casa, porém resultou em um acúmulo de atividades que se misturavam com a vida pessoal, familiar, afazeres domésticos e vida cotidiana (Dias; Sônego, 2022).

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, os setores da saúde começaram a registrar casos de uma nova doença respiratória resultante do que viria a ser o novo coronavírus. Essa doença foi nomeada de COVID-19, e no dia 11 de março de 2020, foi classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como pandemia (Knuth; Carvalho;

Freitas; 2020). Ocorrendo uma rápida proliferação do vírus a nível mundial, sua chegada ao Brasil em 2020 e o perigo iminente que a Covid-19 representava à humanidade, obrigou o poder público a tomar medidas de controle e combate ao vírus, e:

Uma das medidas de controle da disseminação da Covid-19 mais difundida foi a quarentena, baseada no princípio do isolamento social, o que acarretou o fechamento de escolas e a suspensão abrupta do trabalho docente presencial que vinha sendo desenvolvido desde o início do ano letivo de 2020 (Magalhães; Nepomuceno, 2021, p. 118).

A paralisação das atividades presenciais nas escolas foram apenas uma parte da campanha “fique em casa”, adotada por governadores e prefeitos, e “Em poucos dias as comunicações oficiais do Ministério da Saúde, da OMS, demais instituições de saúde, grande mídia e redes sociais on-line traziam a doença para a centralidade da vida de todos” (Knuth; Carvalho; Freitas; 2020, p. 2). A partir daí:

[...] desafiando a ciência, o novo vírus ultrapassou as fronteiras continentais causando um colapso nos sistemas de saúde, fazendo vítimas e paralisando o mundo diante da então declarada Pandemia. Com isso, medidas de isolamento e distanciamento foram decretadas, a fim de conter a disseminação da doença (Carvalho; Moura, 2021, p. 2).

Causando uma forte crise sanitária, política e econômica, a pandemia abalou todos os setores da sociedade, e um dos mais atingidos, sem dúvidas, foi o setor educacional, pois se o ensino ocorre nos espaços compartilhados, com uma configuração e organização baseadas na convivência diária e relações sociais, como conduzir um trabalho docente eficiente diante de um afastamento físico entre professor e aluno? E se já existiam dificuldades corriqueiras que atrasavam o trabalho docente, a pandemia representava, naquele momento, o maior empecilho a partir do ano de 2020. A rotina escolar foi abruptamente modificada, a sala de aula foi dissociada e transferida para as casas dos alunos e professores. Sendo o distanciamento social uma obrigatoriedade e o vírus que até então era desconhecido, uma ameaça letal, não se viu muitas alternativas exceto a adesão ao ensino remoto emergencial nas escolas de ensino básico, devido ao prolongamento do estado de calamidade na saúde pública.

A ação dos governos em casos epidêmicos foi reduzir o máximo possível seus impactos no todo social e regularizar, na medida do possível, seus efeitos, tornando-os aceitáveis (Pereira; Narduchi; Miranda; 2020). Apesar do distanciamento social ter sido uma medida extremamente necessária para evitar a propagação do coronavírus, os prejuízos desse afastamento puderam ser sentidos instantaneamente durante e após a pandemia. O temor pela vida e a letalidade do vírus não impediram o surgimento da premissa coletiva de que a educação não podia parar e o ano letivo não poderia ser perdido (Pasini; Carvalho; Almeida; 2020).

Com a suspensão das atividades escolares presenciais, e o prolongamento da quarentena e isolamento social, houve a tentativa de minimizar os impactos que a pandemia causou no calendário escolar, foi quando o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou o parecer nº 5/2020, que instaurava a reorganização do calendário escolar e estabelecia diretrizes para o cumprimento de atividades não presenciais, a fim de cumprir a carga horária anual mínima. No entanto, “Mesmo em condições mais favoráveis, iludem-se os que pensam que o isolamento corpóreo dos estudantes possa ser resolvido pela mediação tecnológica.” (Algebaile *et al.*, 2021 p. 28), pois mesmo em melhores condições de acesso a recursos tecnológicos, a figura do professor em sala de aula é indispensável, já que a concentração, a conversa e a troca de saberes ocorrem de forma mais fluida e dinâmica ao se compartilhar o espaço físico e através da corporeidade (Algebaile, 2021). Além disso, como garantir acesso igualitário de todos os alunos aos conteúdos nas atividades não presenciais? Como alcançar aqueles afastados pelas barreiras geográficas? Como garantir a qualidade do aprendizado? Se tratando do ensino remoto, pode-se dizer que é um ato precipitado aderir a uma modalidade de ensino sem avaliar as condições de moradia, recursos tecnológicos e acesso à internet de professores e alunos. Afinal:

De igual maneira, um ambiente adequado de estudo em casa se torna imprescindível, ao mesmo tempo em que isto não é possível ante a pandemia, com as famílias em isolamento social em casa, e as precárias condições de moradia de considerável parcela da população. (Magalhães; Nepomuceno, 2021, p. 128).

A pandemia enfatizou as desigualdades sociais existentes no país, pois muitos estudantes encontram-se em localidades de difícil acesso, pouco ou nenhum acesso à internet e sem poder contar com o apoio pedagógico por parte da família no desenvolvimento de atividades remotas, já que em muitas situações, os pais ou responsáveis possuem baixo nível de escolaridade (Magalhães, 2021).

Sendo assim, a qualidade da aprendizagem ficou comprometida, e a entrega de conteúdos de forma não presencial, serviu apenas para camuflar os prejuízos da suspensão das aulas presenciais. Mas ao voltarmos nosso olhar para os professores, percebemos que toda ação de tentativa de reduzir os impactos da pandemia na educação, nunca incluíram o professor em si, e sim as funções que ele realiza (Paulo; Araújo; Oliveira; 2020). Ao professor, restou a tarefa de desenvolver recursos metodológicos que alcançassem os alunos, tanto os que possuíam condições de acompanhar as aulas de forma remota, quanto os que precisavam de apostilas de atividades para fazer a resolução dos questionários e receber o conceito.

O fechamento das escolas não significou a interrupção do trabalho docente (Magalhães; Nepomuceno, 2021), mas uma intensificação desse trabalho por exigir maior disponibilidade

de tempo para que os professores conhecessem, aprendessem e se adequassem as plataformas digitais e recursos tecnológicos, Magalhães (2021, p. 42) destaca que:

Essa situação se agrava se consideramos que, num espaço de tempo bastante reduzido, os professores tiveram que se adaptar ao trabalho remoto, assumindo o ônus de sua formação tecnológica, além dos custos com a ampliação dos gastos com a internet.

Além de toda dificuldade em desenvolver um trabalho utilizando recursos aos quais não estavam habituados, lidar com a incerteza de uma pandemia afetou o psicológico de professores e alunos, afinal:

Enfrentar uma pandemia é um desafio constante: isolamento social, medo e ameaça da doença, convívio com a ideia de morte. Não é uma situação fácil para ninguém, porém, os estudantes e professores precisam, ainda, adaptar-se a uma nova dinâmica de ensino em suas próprias residências, com pessoas do outro lado da tela e com os amigos e colegas distantes (Santos; Zaborosk, 2020, p. 45).

A saúde mental de educadores foi bastante abalada pela pandemia, porém, não é correto afirmar que esse problema surgiu a partir dela, pois o professor sempre sofreu com cobranças excessivas e demandas de trabalho cada vez mais exigentes, tal profissão sempre carregou muitas expectativas da sociedade e responsabilidade sobre as gerações futuras. A partir da segunda década do século XXI, a escola passa por um período de democratização, porém, as críticas a ela também se intensificaram por conta de resultados insatisfatórios, e ao professor foram direcionadas junto com a responsabilização pelas deficiências apontadas na educação (Nascimento; Seixas, 2020, *apud* Borges *et al.*, 2018). E assim, durante a pandemia, recaíram novamente sobre os professores a responsabilidade pelo direcionamento das novas formas de ministrar aulas e entregar o conteúdo aos alunos, seja pelas plataformas digitais ou pelos materiais reprografados desenvolvidos para os alunos sem acesso à internet, pois os dois públicos precisavam ser atendidos.

A crise sanitária causada pela pandemia da Covid-19, a reestruturação dos modelos de ensino no período pandêmico e a imediata transição para o ensino remoto foram responsáveis por um conjunto de consequências que têm assolado a vida e trabalho de professores do ensino médio. Embora o cenário educacional atual, o comportamento de professores e alunos na pós pandemia e os meios de comunicação deixem claro, para quem quiser ver, que existem turbulências deixadas pela pandemia no trabalho docente, é necessário trazer experiências reais de professores que atuaram no período pandêmico atendendo aos alunos de ensino médio, o que será exposto ademais no próximo tópico deste artigo.

Mas como mencionado anteriormente, o declínio na saúde mental de professores não nasceu durante a pandemia, na verdade, ela apenas agravou um problema já existente há tempos, como destacam Dias e Sônego (2022, p. 75):

A saúde mental dos profissionais da educação vem sendo afetada mesmo antes do período pandêmico, mas com o evento da pandemia deu-se o seu agravamento com suas restrições, limitações e imposições, que resultaram em uma mudança de comportamento, de isolamento de um profissional que tem em sua rotina de trabalho o contato com várias pessoas, entre eles alunos, colegas, pais, gestores e toda uma vivência que envolve a comunidade escolar, neste contexto a saúde mental dos docentes merece cuidados.

A educação sempre sofreu sucateamentos de seu espaço físico, incluindo a limitação do acesso à internet (Alves, 2020), então obviamente não havia condições apropriadas para que todos tivessem acesso às aulas na modalidade de ensino remoto, em outras palavras, os professores tiveram que se disponibilizar para dar aulas on-line e desenvolver atividades e cadernos de questionários para que os alunos sem acesso à internet não ficassem atrasados em relação aos outros. Mas como já era esperado, ambos se sobrecarregaram nesse processo, os professores com sua carga de trabalho dobrada, e os alunos que precisaram se desdobrar para fazer suas tarefas dentro dos prazos estipulados e com o mínimo de suporte. Alves (2020, p. 5) afirma que:

Quando comparamos a precariedade do serviço de internet compatível com a necessidade educacional, a privação das relações presenciais nos ambientes escolares e o isolamento social, podemos, ver que professores e alunos estão sendo prejudicados neste processo. O educador pela alta carga de trabalho e com uma estrutura com qualidade não adequada e o estudante por não exercer de forma cidadã o seu direito de assistir as aulas por meio do ensino remoto, são prejudicados por conta da baixa qualidade da conexão, gerando para ambos o estresse emocional, sentimento de impotência e de autorresponsabilização.

Essa cobrança sobre os professores ainda ocorre por conta dos efeitos da pós pandemia, pois a impressão é que os impactos foram ainda mais fortes no retorno às salas de aula, já que se fizeram necessárias uma readaptação social e metodológica para conduzir novamente o processo ensino-aprendizagem. Assim constatamos que “as consequências da pandemia não serão vistas apenas a curto prazo, mas que certamente deixarão marcas nas pessoas e sobretudo nos profissionais da educação [...]” (Dias & Sônego, 2022, p.79). Os efeitos da pandemia na educação têm se estendido de forma muito clara no dia a dia das escolas públicas, tanto professores quanto alunos tem apresentado dificuldades no retorno das atividades presenciais. E aparentemente:

No que se refere à educação, esses efeitos podem se estender por anos, dada a longa e necessária interrupção do atendimento escolar no ano de 2020. Além do aumento dos índices de abandono e evasão, há riscos não mensuráveis e possíveis prejuízos decorrentes da descontinuidade da trajetória formativa de crianças e jovens a cargo da instituição que há décadas vem se constituindo como principal instância de socialização e desenvolvimento psicológico, cognitivo e socioafetivo das novas gerações: a escola (Dias; Sônego, 2022, p. 35)

O professor assume muitas vezes papéis que vão além do ensinar, pois ele se depara diariamente com situações que transcendem a sala de aula, situações que envolvem o aluno, a

família, a comunidade etc. A sala de aula é porta de abertura para visualizar mazelas da sociedade que em muitas outras profissões, não podem ser vistas (Nascimento; Seixas; 2020). A escola é um reflexo do estado da sociedade, pois o que se percebe após a pandemia é um adoecimento mental massivo de educadores, que precisam de cuidados e auxílio para lidar com as consequências da pandemia em sua saúde mental e vida profissional. A cada avanço no percurso bibliográfico ficou mais evidente a necessidade de zelar pela saúde emocional e mental de professores, para que o trabalho docente seja aperfeiçoado, e os danos causados pela “nova rotina” sejam amenizados.

## **2. SAÚDE MENTAL DE DOCENTES E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA**

Em termos gerais, a saúde mental docente é um tema que tem ganhado notoriedade acadêmica, visto que seus efeitos têm sido cada vez mais evidentes no dia a dia escolar, os níveis de estresse de professores têm se intensificado, como aponta uma pesquisa realizada pela Nova Escola no ano de 2020, que constatou que 72% dos educadores tiveram sua saúde mental afetada durante a pandemia, sendo seus efeitos mais comuns a ansiedade, estresse e depressão (CNN Brasil, 2020).

Trazendo para a realidade essa discussão, foram realizadas entrevistas com docentes atuantes no ensino médio do município de Acará, no Pará, que compartilharam suas experiências de trabalho durante a pandemia, explanando como foi desenvolvido e realizado seu trabalho nesse período, quais dificuldades enfrentaram e quais impactos têm sentido durante e na pós pandemia.

Nessa escola de ensino médio localizada no município de Acará, oito professores que lecionaram durante a pandemia aceitaram contribuir com esta pesquisa através de seus depoimentos sobre a atuação docente no período de pandemia da Covid-19. Esses educadores ainda estão atuando na mesma escola, e fizeram algumas considerações sobre como está sendo lidar com a rotina escolar após quase dois anos de suspensão das atividades presenciais; se houve modificações nessa rotina e se eles identificam mudanças de comportamento, tanto nos alunos, quanto em si mesmos.

A seguir, apresenta-se uma tabela com alguns dados dos professores entrevistados, com os quais foi acordado não revelar suas identidades.

Tabela 01: Dados referentes aos componentes curriculares dos docentes entrevistados, gênero e tempo de docência.

	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8
ANOS DE DOCÊNCIA	13	10	33	20	22	20	15	26
DISCIPLINA	FÍSICA	ARTES VISUAIS	INGLÊS	MATEMÁTICA	EDUCAÇÃO FÍSICA	GEOGRAFIA	LÍNGUA PORTUGUESA	LÍNGUA PORTUGUESA
SEXO	F	M	M	M	M	F	F	F

Para iniciar a entrevista, foi perguntado sobre como ocorreu o desenvolvimento do trabalho docente dos professores durante a pandemia, então eles explanaram que houve o momento de aulas exclusivamente remotas, e posteriormente, o ensino híbrido, como relatou a professora 1 (P1):

A gente trabalhou de forma remota até o início de 2021, no primeiro semestre, aí a partir do segundo semestre foi o ensino híbrido. A gente trabalhou tanto de forma remota quanto presencial. Além disso a gente entregava material apostilado para os alunos que não tinham acesso à internet (Professora 1, 2024).

Como mencionado anteriormente, havia na escola dois públicos de alunos, os que possuíam acesso à internet e recursos tecnológicos para acessar as aulas via Google Meet, ou outras plataformas online, e os alunos que não dispunham dos mesmos recursos, em muitas situações, por serem residentes do interior, de comunidades ribeirinhas, ou outras localidades afastadas da cidade. Nesse contexto, era dever dos professores atenderem aos dois públicos, como parte das manobras para tentar amenizar os danos que a pandemia causou à educação.

A urgência em atender as demandas de trabalho, naquele momento dobradas, exigiu dos professores, uma rápida adaptação ao uso de tecnologias, além do tempo que era necessário investir para desenvolver atividades apostiladas, que juntou a uma carga horária de trabalho bem além da que era trabalhada na modalidade presencial.

Sobre essa questão, o professor 2 (P2) relatou como ocorreu as orientações para inserção ao ensino remoto, visando alcançar aos dois públicos de alunos:

Primeiro vieram as orientações do órgão central da Seduc e aí a gente precisou fazer um planejamento de como atingir esse público, que foi uma forma diferente do que a gente já estava habituado, do presencial na escola, no espaço escolar, então a gente precisou criar uma estratégia, de que maneira iria atingir esse público. A gente elaborou apostilas que seriam entregues, marcado uma data para esse aluno vim pegar esses trabalhos, levar para casa, aí tinha um prazo de uns quinze dias para ele retornar com a atividade respondida, era uma espécie de um simulado, mas que tinha textos e questões, e quando ele vinha entregar um trabalho ele já levava outro referente a outra avaliação, cada encontro era referente a uma avaliação bimestral (Professor 2, 2024.)

Aparentemente, o objetivo de atender aos dois públicos presentes na escola foi atingido, mas as dificuldades continuavam se sobressaindo conforme a suspensão das atividades presenciais ia se estendendo, o que também foi destacado pelos professores 1, 4 e 7:

Sim, tivemos dificuldades, principalmente pela questão dos alunos, que alguns iniciaram de maneira remota, só que não foi possível eles prosseguirem por conta da internet, pois era dado um chip para os alunos, só que esse chip tinha um limite de dados, e aí na primeira semana eu acho que já acabava os dados deles e não tinha como dar continuidade (Professora 1, 2024).

É, foi unanimidade o desafio de fazer com que essa informação chegasse da melhor forma para os alunos. Só que imagina aqui, na capital onde eu resido também tinha muita dificuldade, alunos de periferia, de baixa renda sem acesso à internet, você imagina aqui em Acará, né? Onde a grande maioria dos alunos são da zona rural. Então por natureza já tem essa dificuldade até para quem tem uma condição de acesso a uma internet boa, mas é um município que não oferece. E para o pessoal do interior, não discriminando é claro, mas essa dificuldade é real, que não chega, ainda mais aqueles que não tem Wi-Fi e depende de crédito, aí não tem área, a informação não chegava e eles foram totalmente prejudicados (Professor 4, 2024).

[...] tivemos que nos adaptar uma nova ferramenta que por exemplo eu não utilizava que é o Google Meet e além do Google sala de aula, porque a gente tinha que dar aula através do Google Meet, compartilhar com os alunos os arquivos que eles deveriam fazer leitura e as atividades avaliativas. E elaborar um material para que a gente trouxesse aos alunos que não tinham acesso a esse recurso e que também muitos tinham acesso, mas durante as aulas não acessavam (Professora 7, 2024).

O isolamento corpóreo também se destacou como um grande empecilho para que os professores realizassem seu trabalho de forma eficaz durante a pandemia, pois se na modalidade de ensino presencial já havia dificuldades para ensinar, no caso da escola campo da pesquisa, dificuldades como falhas no transporte escolar, greves e falta de recursos como merenda escolar, na pandemia, o problema centralizou na falta e domínio dos recursos tecnológicos.

Em um cenário de distanciamento entre alunos e professores, esse desafio se triplicou, visto que não havia como saber de fato se os alunos estavam aprendendo o conteúdo, por meio das aulas on-line ou das apostilas de atividades. Como destacou o professor 3 (P3) ao ser questionado se houve dificuldades ao trabalhar de forma remota:

[...] eu creio que nós tivemos que nos reinventar porque a gente estava acostumado numa prática, aí faz o planejamento e segue aquele planejamento no contato com o aluno, quando a gente precisou ficar distante do aluno, a gente teve que se modificar para poder alcançá-lo. Imagina o trabalho com o aluno do interior e aluno da cidade que tem uma conjuntura totalmente diferente, uma realidade diferente e a gente teve que dar um jeito para atender os dois públicos (Professor 3, 2024).

Estabelecer vínculos afetivos com os alunos também é parte importante do trabalho docente, pois com isso, cria-se um ambiente facilitador de aprendizagem, quando há uma boa convivência e interação entre professor e aluno. Segundo Dias e Sônego (2022, p. 8):

O professor precisa dessa interação social com o ambiente onde exerce suas atividades, precisa fazer parte do local onde trabalha. O coletivo é um aspecto

essencial à esfera educacional como um lugar de aprendizagens, de trocas, entre alunos, professores, colegas, entre o grupo. E é nesse sentido que os professores passaram a sofrer com a pandemia, uma vez que isolados socialmente, isolaram-se também de suas interações espontâneas que fazem a rotina escolar criativa e interativa.

Nesse sentido, é necessário dar destaque à fala do professor 4 (P4), quando perguntado sobre a importância do convívio social no processo ensino-aprendizagem, ele diz:

E eu sou muito próximo dos meus alunos, tenho um vínculo muito próximo, um vínculo de amizade, de afetividade. [...] Tenho filho adolescente, sei como eles lidam com o palavreado, o linguajar todo específico deles, então eu tento levar isso para a sala de aula, com todo o respeito, com todo o cuidado com a linguagem, eu consigo desse jeito, me aproximar os alunos e fica mais tranquilo fazer esse trabalho com eles (Professor 4, 2024).

O processo educacional ocorre na escola e em seus arredores, o que inclui as relações sociais e vivências que apenas o contato direto proporciona (Algebaile *et al.*, 2021). O funcionamento da escola envolve a organização de horários, organização do espaço físico e toda uma conjuntura que faz da escola um espaço de interação e desenvolvimento social, nunca foi ou será apenas um local de entrega de conteúdo (Stevanim, 2020). E durante a pandemia, ao perder esse contato recorrente e substituí-lo por telas, e no caso dos estudantes sem condições de acompanhar as aulas online, por atividades apostiladas, perdeu-se o caráter social da educação institucionalizada, afinal:

Professores também perdem a referência de seus estudantes. Para quem estão dando aulas quando gravam um vídeo? E se a atividade é remotamente presencial, quantas “letras” ou “fotos” aparecem na tela substituindo pessoas? (Algebaile *et al.*, pág. 28, 2021).

Outro fator que contribuiu para a precarização do trabalho docente durante a pandemia, foram as limitações de acesso à internet e recursos tecnológicos por parte dos alunos e em alguns casos de professores, pois, a urgência em aderir ao ensino remoto para atender as demandas, além de evidenciar as desigualdades sociais presentes na escola, evidenciou uma carência na formação de professores que não estavam devidamente preparados para o uso exclusivo da tecnologia em suas aulas. A resposta do professor 3 (P3) ao ser perguntado se enfrentou dificuldades ao trabalhar de forma remota foi:

Muita, muita dificuldade, primeiro era os alunos terem acesso ao material gráfico, o material reprografado e segundo foi eu utilizar a tecnologia porque apesar de eu me considerar bem moderno, eu ainda não consigo dominar o celular ou computador com habilidade para poder fazer um bom trabalho. Então a gente não tinha muito apoio tecnológico da escola, tinha que dar nosso jeito, arrumar os nossos equipamentos. Além disso eu não tinha muita habilidade com gravação. Então foi muito difícil de enfrentar, foi muito difícil essa área para utilizar os recursos tecnológicos, nós tivemos muita dificuldade, por exemplo, o Meet, eu descobri na pandemia, nem preocupava em usar Meet, Zoom e outros aplicativos de gravação, não me preocupava. [...]. Tu imaginas o aluno aprender inglês sozinho em casa olhando um monte de texto (Professor 3, 2024).

Fica evidente, na fala dos professores entrevistados, que eles se sentiram pouco apoiados pela escola na realização de seu trabalho, o que também corroborou para o aumento de seus níveis de cansaço e estresse. O professor 5 (P5) também enfatizou que “A dificuldade, falta de hábito com a questão tecnológica em si; a gente teve que se adaptar, tentar se adaptar” (Professor 5, 2024). Os professores com mais tempo de atuação, foram os que mais sentiram dificuldades em utilizar os meios digitais em seu trabalho, pois é extremamente difícil, estar adaptado a outras ferramentas metodológicas e ter que mudar tão repentinamente sua forma de conduzir seu trabalho, foi estressante e cansativo. Sobre os desafios do uso das tecnologias no trabalho docente. Magalhães (2021, p.41) afirma que:

As condições de acesso à internet e a implementação em caráter emergencial das estratégias de ensino remoto também impactaram o trabalho docente, as condições de trabalho e a saúde dos professores. Não é demais lembrar que antes de professores, esses trabalhadores da educação também são pessoas que assumem suas funções de mães, pais ou provedores da família. Com a suspensão das aulas, essas funções se acumulam, uma vez que muitos professores precisam conciliar as atividades de trabalho remoto com os cuidados com a casa, com parentes e, não raro, no apoio e suporte pedagógico aos filhos.

Além do tempo necessário para planejar aulas e elaborar material reprografado, também houve um investimento financeiro para adquirir material necessário para as gravações de videoaulas. O professor 4 (P4, 2024) relatou que precisou investir em “[...] uma câmera boa, um tripé, um quadro para casa [...]”. Este mesmo professor relatou que em certos momentos, chegou a ser chamado em particular pelos alunos, que pediam ajuda por estarem sem crédito nos celulares, devido ao limite de dados dos chips que recebiam, e em pouco tempo de uso, já estavam sem dados móveis para assistir as aulas novamente. Sendo assim, além dos gastos com o próprio material de trabalho, alguns professores também retiravam do próprio bolso para ajudar os alunos. E o tempo de gravação das aulas, muitas vezes, se estendiam, como foi informado pela professora 1 (P1, 2024), sobre suas dificuldades e falta de suporte técnico:

[...] em relação ao uso do microfone, gravar as aulas, principalmente pelo fato da minha aula envolver bastante cálculo, eu tinha que fazer vídeos para poder explicar, e às vezes eu gravava o vídeo e não saía o áudio, aí depois eu tinha que regravar o vídeo, então às vezes eu começava a gravar pela parte da manhã e eu ia terminar a noite, para poder editar e colocar lá a disponibilidade dos alunos.

Outra problemática apontada pelos professores de ensino médio sobre as aulas remotas, foi a realização do trabalho em casa, que de certa forma, rompeu os limites entre horário de aula e horário de lazer, pois, sem as divisões do espaço físico já não havia distinções entre o trabalho e a vida cotidiana.

As relações de trabalho naquele momento passaram a se cruzar com as relações familiares, e embora o trabalho docente nunca tenha sido limitado à sala de aula, pois “O professor sempre trouxe trabalho da escola para casa, planejamentos, leituras, pesquisas,

correção de atividades, e todas as tarefas que não se tem tempo de exercer na escola [...]” (Dias; Sônego, p. 16, 2022), a sala de aula de uma hora para outra foi transferida para as residências dos professores, e quando foi perguntado a professora 7 (P7) se o ensino remoto provocou alterações em sua rotina, ela respondeu:

Muito, primeiro que eu estava trabalhando em casa, então era uma mistura de trabalho docente e trabalho doméstico. Enfim, e até depois que nós retornamos eu falei ‘Eu já não aguentava mais trabalhar via remoto’ porque eu achei que eu fiquei muito mais cansada e esgotada do que trabalhando aqui no Acará em sala de aula, porque aqui eu me preocupava em dar minha aula, corrigir, participar só da questão docente mesmo, e estando em casa não, eu tinha que me dividir, então acho que complicou mais (Professora 7, 2024).

Conforme o relato da professora 7 (P 7), trabalhar em casa foi mais cansativo e desgastante do que o trabalho na escola, pois havia as preocupações com a casa, família, tarefas domésticas etc. Em outro trecho da entrevista, a professora 7 (P7) também enfatiza:

[...] outra questão da pandemia que eu quero deixar aqui registrado é a do uso dos grupos de WhatsApp. E eu acho que talvez esse foi o motivo da minha impaciência após esse período. Porque a gente tinha que responder muitos questionamentos via WhatsApp, muitos alunos em uma turma e às vezes fora do horário, em horários inapropriados, entendeu? Então acho que isso é algo que durante esse processo me afetou mais. (Professora 7, 2024).

O fato de o espaço físico da sala de aula ter sido modificado e transferido para a casa dos professores, acarretou situações em que a própria privacidade e momento de descanso dos professores ficaram comprometidos, devido as dificuldades que os alunos enfrentavam ao estudarem de forma remota. A função de ter que estar sempre disponível para atender, tirar dúvidas, orientar, gerou a intensificação do trabalho desses professores, pois “Na visão dos docentes, trata-se de uma exaustão devido, principalmente, à facilidade que os alunos possuem de comunicação com professores(as) por meio da internet, com destaque para o uso abusivo de WhatsApp” (Souza, *et al.*, 2021, p. 142), sendo quase obrigatório o uso de seus contatos pessoais para o trabalho.

E os problemas não se resumiam apenas às falhas e limitações técnicas e de acesso à internet, a pandemia gerou muitas preocupações incertezas, medo e ansiedade nos professores, pois não havia como se manter alheio a crise de saúde pública que a humanidade estava vivendo, como destacou o professor 3 (P3, 2024), ao dizer “[...] a gente encontrava aluno enfermo, a Covid assustava, porque a gente via amigos nossos morrerem, eu mesmo convivi com pessoas que em uma semana, duas semanas morreram, aí como assim?”. O abalo psicológico era inevitável, pois existia o temor pela própria vida e pela vida dos familiares, como era o caso da professora 6 (P6), que afirmou que:

[...]por ter uma pessoa asmática em casa, com comorbidade. Inicialmente a gente não ter conhecimento do que era a covid 19, pessoas morrendo e todas as notícias, então

aquilo me deixou muito impactada psicologicamente. Quando eu tinha que vir na escola para entregar o material para aquela modalidade de alunos que não assistiam de maneira virtual, então eu ficava com um certo receio, angustiada, se talvez eu adquirisse a covid, não tinha vacina e a partir disso até hoje eu ainda tenho memórias, me vem, lembranças disso e eu fico pensando ‘E se tivesse acontecido alguma coisa?’ (Professora 6, 2024).

É importante lembrar que antes de sermos profissionais, somos pessoas, e que naquele momento ocorria tanto uma luta coletiva, quanto individual, coletiva por se tratar de um corpo docente tentando realizar seu trabalho em um contexto de calamidade pública, e individual porque cada um deles estava lidando com suas batalhas internas, inseguranças e temor pela incerteza do futuro. Dias e Sônega (2022, p. 5) ressaltam que:

É impossível ficarmos indiferentes a dor da perda, a dor do sofrimento daqueles que foram contaminados e perderam suas vidas, o impacto psicológico é inevitável. As incertezas pairam não somente pela vida, nossa e de outros, mas também pela jornada profissional do ser humano professor. Precisamos prosseguir espalhando esperanças, acreditando que o melhor está por vir, se refazendo e se reinventando, buscando forças para também podermos ajudar nossos alunos.

O discurso muitas vezes romantizado da profissão professor acaba por tirar a atenção do fato de que o professor também é um ser humano, que tem seus problemas para lidar, e em muitos casos, é uma das profissões mais atingidas nos momentos de crises humanitárias. O professor 2 (P2) ressaltou pontos muito importantes sobre como o professor tem sido apenas cobrado quanto ao seu trabalho e não tem recebido nenhum acolhimento, trabalhando muitas vezes em condições de precariedade, sem suporte e sem reconhecimento.

Quando finalmente ocorreu o retorno das atividades presenciais na escola, os professores tiveram novamente que se readaptar, dessa vez ao ensino presencial, que embora tenha muitas vantagens em relação a modalidade de ensino remoto, também exigia tempo para que eles retornassem a rotina de antes, mas ainda assim, não houve muita compreensão por parte da gestão escolar, pois toda a atenção estava voltada para os alunos, como relata o professor 2 (P2, 2024): “estava acontecendo toda aquela questão sobre o aluno, sobre a adaptação do aluno, sobre a pós pandemia, mas aí focaram no aluno e esqueceram dos professores.”.

As dificuldades de aprendizagem dos alunos, também foi um ponto muito destacado pelos professores no que diz respeito aos efeitos da pós pandemia, pois a precariedade do ensino remoto também os atingiu e causou até mesmo um retrocesso em sua aprendizagem, ponto que tem gerado um desgaste para os docentes, durante e após a pandemia, pois eles precisam novamente se adaptar à realidade do seu público de alunos, que não é mais o mesmo após a pandemia. Sobre isso destaca-se a fala do professor 2 (P2, 2024):

[..] uma observação sobre os alunos que vem dessa era da tecnologia e também da pandemia, é que tem muitos alunos que vem com esses problemas de depressão, de ansiedade, principalmente crises de ansiedade e aí isso acaba gerando toda uma situação dentro da sala de aula, e também para o professor tentar resolver naquele momento, só que atualmente o foco está muito no aluno, nesse aluno que está sofrendo essas crises de ansiedade e todas essas situações pós pandemia, mas por outro lado a gente tem que ver que o professor é um ser humano que tem suas crises de ansiedade e alguns indícios de depressão, e aí ele precisa lidar com isso focando no aluno e tendo que omitir ou esquecer o que ele tá sentindo, isso acaba sendo o maior problema de todo esse caos da pós pandemia.

Todas essas situações envolvendo o aluno e a sala de aula tem desgastado os professores mesmo com o fim da pandemia, e os seus efeitos muito provavelmente vão se alastrar por anos. O professor 3 (P3, 2024) enfatizou que embora tenha havido um grande esforço para amenizar os prejuízos deixados pela pandemia no campo educacional, os danos parecem ser irreversíveis. Para o professor 5 (P5, 2024) ao ser perguntado sobre como ele acredita que serão sentidos os efeitos da pandemia na educação, ele respondeu:

Posso te dizer a curto, médio e longo prazo. Porque eu acredito que vai ser para sempre, voltar ao que era antes da pandemia não vai voltar, não vai voltar mais a normalidade né, vou ter que, é como acontece com todo mundo, tem que se adaptar a uma nova realidade.

Os alunos que vieram do ensino fundamental tiveram uma educação remota ainda mais precária, como afirmou a professora 6 (P6, 2024), dando destaque aos efeitos didáticos pedagógicos que ela tem percebido desde o retorno ao ensino presencial. Do mesmo modo, a professora 1 (P1, 2024) afirmou o seguinte: “[...] eu percebo que os alunos estão com mais dificuldades de aprendizagem do que antes, que a maioria ficava muito tempo usando o celular, então a gente tem muitos casos de alunos com crise de ansiedade[...]”, ou seja, os dois lados foram muito afetados, mas somente os alunos têm estado no centro da preocupação conforme afirmou o professor 2 (P2).

Portanto, tratando dos efeitos da pandemia diretamente na saúde mental dos professores, ficou evidente que a maior parte deles se sentiu prejudicado pela pandemia. Os níveis de estresse e cansaço aumentaram durante o fechamento das escolas e adesão ao ensino remoto, e continuaram assim após o retorno das aulas presenciais, quando se deram conta que mesmo com todo esforço aplicado durante as atividades remotas, os alunos estavam em atraso na aprendizagem. Dentre os sintomas mais recorrentes entre os professores entrevistados, foi bastante mencionado sobre a perda de memória, algo que estava presente na fala dos professores 2, 3 e 5. O professor 2 (P2) enfatizou que:

Nessa pós- pandemia, eu não sei dizer se é pós pandemia ou se é os efeitos da docência mesmo, que é que contagioso assim, a questão do esquecimento, que eu acho que é geral, é tipo você acabou de deixar o celular aqui e virou as costas e fica procurando onde deixou o celular. Um tipo de esquecimento instantâneo de um momento não muito distante. (Professor 2, 2024)

Em seguida, o professor 4 afirmou também estar passando por problemas de memória e esquecimento, “[...] eu perdi memória, perdi muita memória [...]” (Professor 3, 2024) tal como sintomas de inquietação e preocupação, e não apenas em si mesmo, mas ele nota os níveis de estresse mais elevados nos seus colegas de trabalho, pois ele diz:

[...] eu fiquei um pouco mais afobado, eu era bem tranquilo, tu estudaste comigo, tu viu que eu não tinha muita preocupação, né? Mas eu fiquei assim muito afobado [...] Eu vejo eles aí (professores) estressadíssimos, eu já vi professor esses dias, esse ano, professor botar aluno pra fora na marra quase puxando na camisa, professor sair chamando palavrão, já vi professor batendo forte na mesa, professor que não fazia isso na sala de aula (Professor 3, 2024).

Para o professor 5 (P5), a pandemia representou uma quebra de ritmo no seu trabalho, tornando-o um tanto ocioso, e ele afirma que sua saúde mental foi extremamente afetada, assim como “A própria concentração, a questão da memória, agora mesmo aconteceu, de repente acontece, de eu tentar lembrar e não conseguir, o que eu queria falar.” (Professor 5, 2024). Foi necessário para este professor recorrer ao acompanhamento médico com o uso de medicamentos. Os demais professores mencionaram sintomas como os de ansiedade, problemas com paciência, cansaço e estresse após a pandemia.

Outro acontecimento que marcou a vida dos docentes entrevistados, foi o falecimento de um professor que há anos atuava na escola onde foi realizada a pesquisa. O professor em questão, que irei denominar professor 9 (P9), era muito conhecido na cidade e um dos mais antigos da escola, infelizmente, foi acometido da Covid-19 e veio a falecer durante a pandemia. A professora 8 (P8) fez um relato emocionante e detalhado do último dia em que viu o professor 9 com vida:

[...] o que me afetou muito na pandemia foi a perda do Professor 9, eu senti muito a perda dele. Nossos últimos momentos na escola, a gente ficou no dia de entrega de atividade, ficávamos na mesma sala e o nosso último dia foi terrível, porque era um dia chuvoso. A gente perdeu a hora e ficamos sem almoçar nesse dia, porque quando a última mãe não veio para receber atividade do filho, nós não conseguimos mais refeição disponível. Aí ele comeu um lanchinho, eu desci e fui comprar uma coxinha e um suco pra eu poder ficar à tarde, até três horas da tarde, entendeu? Então isso daí me afetou muito, porque aconteceu numa semana e na outra semana soube que ele estava já hospitalizado. O que me afetou mesmo na pandemia foi isso. Eu fiquei em estado de choque quando eu soube, porque aí eu lembrei muito desse momento que a gente ficou junto por conta do nosso compromisso, a gente ficou o dia todo sem almoçar, isso daí me doeu, digo ‘Meu Deus se ele não tivesse vindo’. Porque nessa vinda dele para a sala de aula ele pode ter pegado a covid, nessa entrega de trabalho, mas era obrigatório vir, a gente tinha que ficar o dia todo em plena pandemia. Então isso daí me marcou muito, muito mesmo, até hoje ainda fico emotiva de lembrar dessas fases, que ele ainda deveria estar aqui com a gente, mas aconteceu isso, né? (Professora 8, 2024).

É possível perceber no relato da professora 8 (P8) que para ela, há uma relação entre o falecimento do professor 9 (P9) e as idas obrigatórias à escola durante a pandemia. Esse acontecimento desestabilizou ainda mais os professores e aumentou a preocupação deles com

sua saúde, perceber a morte tão próxima dessa forma, abala o psicológico de qualquer pessoa. E a professora 8 ( P8, 2024) encerrou sua fala com a seguinte frase: “[...] deveriam ter tido um pouco mais de cuidado com a gente, mas já foi.”, referindo-se a forma como os professores não tiveram a opção de ficar apenas em casa, para se proteger, mas precisavam se arriscar para entregar o material para os alunos e cumprir com suas obrigações na profissão que escolheram, o que se mostra cada vez mais desafiador.

A precarização do trabalho docente durante a pandemia tem surtido fortes efeitos na vida dos educadores após o retorno à escola, a volta às aulas presenciais evidenciou tais efeitos a ponto de alguns professores afirmarem que serão irreversíveis e para sempre. A pandemia foi um divisor de águas para a educação, evidenciando até mesmo funções da escola que por anos foram invisibilizadas (Magalhães, 2021), e dentro da escola, encontra-se o professor, exercendo funções além do ensinar, pois “[...] o professor é um profissional que procura se reinventar e buscar reconfigurações do seu trabalho para garantir o direito a educação de seus alunos [...]” (Dias; Sônega, 2022, p. 16). Garantir aos alunos o direito à educação durante a pandemia, exigiu dos professores um esforço, dedicação e investimento que nunca se imaginou serem necessários em sua prática docente. Os impactos de todas as situações vivenciadas por eles estão presentes no cenário atual de seu trabalho e rotina escolar. Problemas como perda de memória, ansiedade, impaciência, cansaço, dificuldades ao realizar seu trabalho num contexto pós pandemia, foram os efeitos mais destacados pelos entrevistados. Atualmente, o foco está em amenizar os prejuízos didáticos pedagógicos causados pela pandemia, mas essa atenção também deveria estar voltada para os professores nesse processo de reestruturação do ensino, numa tentativa de recuperar sua estabilidade emocional, que se mostra abalada na pós pandemia.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estresse causado pelo trabalho docente já é um campo de estudo cada vez mais explorado, pois trata-se de uma questão de saúde pública, e no caso de professores, que lidam com mais cobranças e situações que transcendem a sala de aula, tornaram-se um dos públicos mais atingidos pelo esgotamento mental.

Aqui foram relatadas apenas algumas das muitas experiências e vivências de professores, que precisaram se reinventar em nome de sua profissão. É necessário ter um olhar mais atento e empático quanto ao bem-estar dos professores da educação básica, pois o que se vê após a pandemia é uma classe docente fragilizada e adoecida, que pode até mesmo não

conseguir mais contribuir socialmente por meio de seu trabalho, por estarem acometidos de problemas como depressão, ansiedade, estresse e desmotivação.

No decorrer desta pesquisa ficou claro que a pandemia teve efeitos muito fortes no trabalho docente e saúde mental de professores do ensino médio, e isso se estenderá por tempo indeterminado. No entanto, é possível que gradualmente esses problemas sejam pelo menos parcialmente superados, começando por não tratar mais a saúde mental como um tabu na sociedade, e compreender que um profissional adoecido não tem condições de exercer sua profissão da forma correta, e tratando-se do professor, o cuidado deve ser dobrado, pois dele depende a formação das próximas gerações.

Sendo assim, não devemos deixar cair no esquecimento o quanto o isolamento social e a suspensão das atividades presenciais prejudicaram a educação e as relações sociais presentes na escola, pois isso mostra que a figura do professor em sala de aula é indispensável e insubstituível. Esses profissionais são dignos do respeito, apoio e principalmente condições dignas de trabalho.

## 5. REFERÊNCIAS

ALVES, Jonathan et al.. **Educação em tempos de pandemia: análises e implicações na saúde mental do professor e aluno**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68417>>. Acesso em: 27/05/2023.

**BRASIL**. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (CNE). Parecer CNE/CP nº 5/2020.

CARVALHO, S. B. P.; MOURA, M. da G. C. . **As experiências e os desafios dos professores de escolas públicas estaduais no início da pandemia do COVID-19** . *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 10, p. e496101019292, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i10.19292. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19292>. Acesso em: 30 maio. 2024.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

DIAS, Ana & SÔNEGO, Fabricia. (2022). **EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: COMO FICA A SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES**. Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades. 9. 67-84. 10.36661/2358-0666.2022v9n1.12863. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/365939315\\_EDUCACAO\\_EM\\_TEMPOS\\_DE\\_PANDEMIA\\_COMO\\_FICA\\_A\\_SAUDE\\_MENTAL\\_DOS\\_PROFESSORES](https://www.researchgate.net/publication/365939315_EDUCACAO_EM_TEMPOS_DE_PANDEMIA_COMO_FICA_A_SAUDE_MENTAL_DOS_PROFESSORES). Acessos em 27 de maio 2023.

KNUTH, Alan Goularte; CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de; FREITAS, Débora Duarte. Discursos de instituições de saúde brasileiras sobre atividade física no início da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, [S. l.], v. 25, p. 1–9, 2020. DOI: 10.12820/rbafs.25e0122. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14342>. Acesso em: 30 maio. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Kelen Braga do; SEIXAS, Carlos Eduardo. **O adoecimento do professor da Educação Básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas**. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 36, 22 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/36/josepho-adoecimento-do-professor-da-educacao-basica-no-brasil-apontamentos-da-ultima-decada-de-pesquisas>.

PAULO, Jacks Richard de; ARAÚJO, Stela Maris Mendes Siqueira; OLIVEIRA, Priscila Daniele de. **Ensino remoto emergencial em tempos de pandemia: tecendo algumas considerações**. *Dialogia*, [S. l.], n. 36, p. 193–204, 2020. DOI: 10.5585/dialogia.n36.18318. Disponível em: <https://uninove.emnuvens.com.br/dialogia/article/view/18318>. Acesso em: 3 jun. 2024.

PEREIRA, A.; NARDUCHI, F.; MIRANDA, M. G. **BIOPOLÍTICA E EDUCAÇÃO: os impactos da pandemia do covid-19 nas escolas públicas**. *Revista Augustus*, v. 25, n. 51, p. 219-236, 3 jun. 2020. Disponível em : [BIOPOLÍTICA E EDUCAÇÃO: os impactos da pandemia do covid-19 nas escolas públicas | Revista Augustus \(unisuam.edu.br\)](https://www.unisuam.edu.br/revista-augustus/2020/06/03/biopolitica-e-educacao-os-impactos-da-pandemia-do-covid-19-nas-escolas-publicas).

SANTOS, F. M. dos. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. *Revista Eletrônica de Educação*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012. DOI: 10.14244/%19827199291. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em: 16 jan. 2023.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, 2000.

SOUZA, Farney Vinícios Pinto. **Adoecimento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino**. *Cad. psicol. soc. trab.*, São Paulo , v. 21, n. 2, p. 103-117, dez. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172018000200001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172018000200001&lng=pt&nrm=iso). acessos em 23 maio 2023. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i2p103-117>.

STEVANIM, Luiz Felipe. **Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia**. *RADIS: Comunicação e Saúde*, n. 215, p. 10-15, ago. 2020. Disponível em: [ExclusãoNadaRemota.pdf \(fiocruz.br\)](https://www.fiocruz.br/radis/ExclusãoNadaRemota.pdf). Acesso em 7 junho. 2024.

MAGALHÃES, Jonas. et al. **Trabalho docente sob fogo cruzado**. [recurso eletrônico] – 1. ed. - Rio de Janeiro : UERJ, LPP, 2021. 1 recurso online (504 p; v.2) : PDF.